



Veredas Atemática

VOLUME 16 nº 2 - 2012

---

**Vestígios da pronominalização de *Vossa Mercê* > *Você* em missivas cariocas e mineiras:  
uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX\***

Márcia Cristina de Brito Rumeu (UFMG)

RESUMO: Este trabalho é movido pelo objetivo de discutir a gramaticalização de *vossa mercê* > *você* com base na produção escrita de cariocas e de mineiros nas eras oitocentista e novecentista do português brasileiro. À luz dos pressupostos funcionalistas pensados por Hopper (1991) que, por sua vez, conduziram a análise metodologicamente orientada pela sociolinguística quantitativa de base Laboviana, confirmou-se a hipótese do gradualismo da mudança categorial, ratificando o seu encaixamento nas matrizes linguística e social (*embedding problem*) do português brasileiro, em conformidade com os princípios gerais de implementação da mudança linguística discutidos por Weinreich *et alii* (1968).

Palavras-chave: Gramaticalização de *você*; Variação *tu/você*. Mudança linguística. Pronomes de tratamento. Sistema pronominal.

### Considerações iniciais

O percurso histórico da gramaticalização de *Vossa Mercê* > *Você* em português tem suscitado estudos, em diversificados *corpora*, cujos resultados permitem reconstruir a história

---

\*Apoio: Programa de Auxílio à Pesquisa de Doutores Recém-Contratados, financiado pela PRÓ-REITORIA DE PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (PRPq-UFMG).

de formação de um novo pronome como resultado de um processo de mudança categorial, cf. Lopes (2010). Busca-se, neste trabalho, contribuir para a reconstrução da história de pronominalização do *você* no português brasileiro (doravante PB) escrito entre os séculos XIX e XX, à luz dos pressupostos funcionalistas pensados por Hopper (1991).

Esta reflexão acerca da mudança categorial de *Vossa Mercê* > *Você* no PB está embasada em *corpora* constituídos não só por cartas mineiras editadas por Chaves (2006), e por ela analisadas na perspectiva da Teoria da Variação e da Mudança de orientação Laboviana acerca da implementação de *Você*, mas também por cartas cariocas editadas e estudadas por Rumeu (2008), na perspectiva da Sociolinguística Variacionista Laboviana (Labov, 1994), acerca da flutuação entre as formas *Tu* e *Você*. Pretende-se, neste artigo, correlacionar os resultados desses trabalhos a fim de rediscutir o gradualismo do processo de pronominalização de *você* no PB, à luz de Hopper (1991), com base na produção escrita de cariocas e de mineiros nas eras oitocentista e novecentista do português. Os dados foram quantificados e submetidos ao pacote de programas Goldvarb para o cálculo das suas frequências de uso nas amostras das missivas brasileiras, seguindo as orientações metodológicas da pesquisa sociolinguística quantitativa de base Laboviana, cf. Paiva e Duarte (2003), Mollica e Braga (2004), Guy e Zilles (2007).

A estruturação deste texto é a seguinte: inicialmente, retoma-se o percurso histórico da forma nominal de tratamento (doravante FNT) *Vossa Mercê* no português. Em seguida, apresentam-se os *corpora* que embasa este estudo. Na sequência, discutem-se alguns reflexos da gramaticalização de *Vossa Mercê* > *Você*, à luz dos princípios funcionalistas teorizados por Hopper (1991) e sugere-se uma breve reflexão sobre a influência da categoria social gênero (*sexo*) no processo de pronominalização de *você*. Por fim, são feitas algumas generalizações sobre a produtividade do inovador *você* na produção escrita de cariocas e mineiros nos séculos XIX e XX.

## **1. Revisitando a história de formação de *Vossa Mercê* > *Você* no português: a formulação das questões e da hipótese principal.**

A língua portuguesa herdou do latim um sistema bifurcado de referência à 2<sup>a</sup> pessoa do discurso. O pronome *Tu* no plano da intimidade e o pronome *Vós* no plano da cortesia. Segundo Cintra (1972), o pronome de tratamento *Vós*, até princípios do século XV, representou a forma de tratamento cerimoniosa preferida pela realeza portuguesa. A partir de 1460, entretanto, a forma de tratamento mais cerimoniosa *Vós* começou a dividir o seu espaço de atuação com *Vossa Mercê* para evocar o rei português. Tendo em vista o desbotamento semântico sofrido por *Vossa Mercê*, que passou a ser usado pelos demais membros da realeza portuguesa, Felipe II instituiu, para a sociedade portuguesa de 1597, através das “leis das cortesias”, expressões nominais específicas para o tratamento da realeza, respeitando a rígida hierarquia social. São elas: *Vossa Majestade*, tratamento específico para o rei e a rainha; *Vossa Alteza*, para os príncipes, princesas, para os Infantes e Infantas, para os genros e noras, cunhados de reis; *Vossa Excelência*, para os filhos dos Infantes e para o Duque de Bragança; *Vossa Senhoria*, para arcebispos, bispos, duques, condes, marqueses, governadores.

Voltando o escopo da discussão especificamente para a história de formação de *Vossa Mercê*, interpreta-se a reorganização da sociedade portuguesa de origem feudal, em virtude do surgimento de uma nova classe social – a *burguesia* –, como o impulso social propulsor ao

desgaste semântico e formal de tal FNT a ponto de originar um novo pronome (o *você*) que, por sua vez, convive, na sincronia atual do PB, com o *tu* nos mesmos domínios funcionais, cf. sintetiza Scherre *et alii* (2009)<sup>1</sup>: **(I) Você** (regiões centro-oeste, sudeste); **(II) Tu** (nordeste, norte, sul); **(III) Você~Tu** (regiões centro-oeste, sudeste, sul, nordeste, norte)). Em fins do século XV e início do XVI, além do *clero* e da *nobreza*, também a *burguesia* veio a compor a *pirâmide social portuguesa*. O fato de o monarca português ter tido que dividir o *glamour* do cenário social com a *burguesia* conduziu à reestruturação das relações interpessoais de modo que estas ressaltassem, preferencialmente, a soberania do rei em relação às demais camadas sociais. Com o intuito de evidenciar, através das *formas de tratamento*, uma sociedade hierarquizada instituiu-se, na 2ª metade do século XV, o uso de expressões substantivas direcionadas ao tratamento do rei, tais como *Vossa Majestade*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*. A forma nominal de tratamento *Vossa Mercê*, idealizada, em fins do século XV (1460), para o tratamento real, teve, na sociedade portuguesa, o seu uso expandido para as demais classes sociais, evoluindo, formal e semanticamente, até originar a forma pronominal de referência à 2ª pessoa do discurso na língua portuguesa – *você*.

Determinado pelo pronome possessivo de cerimônia *vossa*, forma possessiva correspondente ao cerimonioso *vós* (forma de P5), o substantivo *mercê* consolidou-se em *vossa mercê* como a forma de tratamento cortês para com o rei, na sociedade portuguesa, em 1460 – século XV, cf. Cintra (1972). No que diz respeito à semântica do *vossa mercê*, a sua formação se deu a partir de uma clara referência à benignidade do rei como traço inerente à pessoa humana que detém o poder no regime monárquico. Quando se empregava o *vossa mercê*, pretendia-se, através de uma associação metonímica, evocar a *justiça* e a *benevolência* consubstanciada na figura do monarca soberano. Entretanto, a partir de 1490, essa forma de tratamento de caráter nominal deixa de ser produtiva para se dirigir apenas ao monarca português, passando a funcionar com forma de tratamento também usada para com os *duques* e os *infantes*, em seguida, para com os *fidalgos* e, no século XVI, direcionada a membros da *burguesia*. E o que foi feito do cerimonioso e cortês *vós*, cuja forma possessiva *vossa* foi acionada na composição das estratégias de tratamento *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência* e *Vossa Mercê*, em português? No século XVIII, a FNT *vós*, empregada para fazer referência cerimoniosa a um único interlocutor, já era considerada um traço arcaizante da língua, condenada ao desuso, cf. Cintra (1972).

Uma vez que se considere – parafraseando Bakhtin (1973) – a língua como o sensor das transformações sociais, há de atentar para as repercussões desse rearranjo social nas relações interpessoais, e conseqüentemente, nas formas de tratamento. Reiterando esse posicionamento de Bakhtin, consideram-se os estudos com base na Sociolinguística Laboviana (Weinreich *et alii*, 1968) que, por sua vez, difundiram a idéia de que a *variação* é um fenômeno inerente às línguas humanas e de que a implementação da mudança linguística dá-se a partir de seu

---

<sup>1</sup>Os seis subsistemas pronominais a seguir expostos foram discutidos por Scherre *et alii*, ao descreverem as estratégias pronominais de tratamento da 2ª pessoa do discurso do PB atual relacionando-as ao fenômeno da concordância verbal (*Tu* e *Você* em concordância com formas verbais de 2ª e 3ª pessoas do discurso), por ocasião do II SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa), na Universidade de Évora, entre os dias 06 e 11 de outubro de 2009: **Subsistema I:** Predomínio de *Você* nas regiões Centro-Oeste, Sudeste, Sul e Nordeste; **Subsistema II:** Predomínio de *Tu* com concordância muito baixa nas regiões sul e norte; **Subsistema III:** Equilíbrio de *Tu/Você* com concordância muito baixa para o *Tu* na região sul; **Subsistema IV:** Predomínio de *Tu* com concordância média nas regiões sul, nordeste e norte; **Subsistema V:** Uso variável de *Você/Tu* ou *Tu/Você* sem concordância nas regiões sul, sudeste, centro-oeste, nordeste e norte; **Subsistema VI:** *Tu/Você* ou *Você/Tu* com concordância médio-baixa nas regiões sul e nordeste.

encaixamento – *embedding problem* – tanto na estrutura interna da língua, quanto na estrutura social. Os motivos para o abandono do pronome de tratamento *vós* como uma demonstração de *polidez* para com a realeza portuguesa devem ser entendidos a partir do contexto histórico-social de Portugal nos séculos XV e XVI. Em termos sociais, há de admitir-se que a Corte e a Nobreza foram as responsáveis pela adoção e posterior degradação inicial das formas nominais de tratamento cortês na sociedade portuguesa, visto que desejavam marcar, linguisticamente, uma rígida hierarquia entre as classes da pirâmide social portuguesa. Essa tentativa de consolidação de uma sociedade tão rigidamente escalonada expunha o desejo de manutenção do *status quo*, consubstanciado nas *relações de poder*, que, por sua vez, estavam alicerçadas em dinâmicas assimétricas entre a realeza portuguesa e seus súditos. Em termos linguísticos, o desuso do pronome *vós* para o tratamento cerimonioso de interlocutor, conduziu à inserção de formas nominais de tratamento e está, dentre elas, a FNT *vossa mercê* que evoluiu, gradual e paulatinamente, como um legítimo processo de mudança linguística, até constituir a forma pronominal *você* em português.

Redirecionado o foco especificamente para a análise da evolução de *vossa mercê* a originar *você* no PB, constata-se que os estudos diacrônicos, com base em *corpora* diversificados (cartas oficiais, não oficiais e peças de teatro), apontaram as formas *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria* e *Vossa Mercê*, cf. Rumeu ([2004] 2011), Lopes e Duarte (2003), Barcia (2006), Marcotulio ([2008] 2010), como as estratégias tratamentais produtivas nas realidades setecentista e oitocentista do português no Brasil. Nas cartas setecentistas, Rumeu (2011) observa o *Você* como uma produtiva estratégia de cortesia descendente (de superior para inferior), coadunado a sua contraparte desenvolvida *vossa mercê* que, por sua vez, assume uma maior produtividade não só em relações sociais simétricas, travadas no interior da classe alta, mas também em relações sociais cujo grau de assimetria é descendente (de superior para inferior). Esse quadro sugere, já na segunda metade do século XVIII, o *vossa mercê* como uma estratégia nominal de tratamento que perdeu o caráter de cortesia peculiar ao seu emprego originário, cf. Santos Luz (1958), Cintra (1972), e o *você* como uma forma utilizada pela elite letrada para tratar a própria elite no Brasil do Oitocentos, cf. discutido por Soto ([2001] 2007).

Assumindo um comportamento diverso do caminho seguido pelo *você*, a partir do século XIX, em Portugal, a aristocracia brasileira emprega tal forma inovadora, como evidencia Soto (2001:241), com base na análise de missivas brasileiras oitocentistas e novecentistas. O fato de o *você* ainda resguardar o prestígio da FNT que a originou (*vossa mercê*) para a referência à realeza portuguesa demonstra, por um lado, o conservadorismo do PB. Por outro lado, o emprego de *você*, cf. Soto (2001), em cartas-diário, pela Condessa de Barral, ao se referir ao imperador *D. Pedro II* como se observa em (01), e entre os amigos baianos *Rui Barbosa* e *José Marcelino* (senador e governador da Bahia), em cartas pessoais trocadas em 1904 e 1906,<sup>2</sup> respectivamente, em (02) e (03), cf. Menon (2006), já não seriam indícios do acelerado processo de dessemantização sofrido pelo *você* a assumir, no Brasil, o inovador domínio da Solidariedade? Como depreender o uso linguístico mais informal dessa elite letrada brasileira em sincronias passadas do PB a partir da produção escrita de uma pequena parte da população brasileira socialmente privilegiada que não teve uma produção escrita regular? O que teria motivado o Imperador *D. Pedro II* a tratar a amiga Condessa de Barral, mulher da elite brasileira, com o inovador *você*? E o que teria movido a Condessa de

---

<sup>2</sup>Segundo Menon (2006:153), a carta de José Marcelino para Rui Barbosa é de 27.06.1904 e a carta de Rui Barbosa retribuída a José Marcelino é de 12.10.1906.

Barral a retribuir tal tratamento íntimo ao Imperador do Brasil D. Pedro II, conforme averiguado por Soto ([2001] 2007)? O que teria levado a missivista mineira Maria Guilhermina Penna, casada com o ex-presidente da República Affonso Pena, a optar por tratar o filho Affonso Penna Júnior, por *você*, sobretudo, ao atingir a velhice, cf. Pereira (2012), como se observa em (04)? O que teria impulsionado a Vovó Bárbara Ottoni – redatora mediana nos termos de Barbosa (2005:40) – a também preferir, no Brasil de fins do século XIX, o *você* para fazer referência aos seus netos, como se verifica em (05)?

(01) Excertos de **Cartas da Condessa de Barral** e do Imperador **D. Pedro II**, em **1869**:

**Condessa de Barral**: Eu fiquei tão contente que nem sei como pude descer a escada do colégio. Meu pensamento foi de Montmartre ao Brasil e **V.** havia de sentir o fluido pelo seu coração.”

**Imperador D. Pedro II**: “Ah! se senti! **Você** sabe que bem lhe quero!

**Condessa de Barral**: “Ah! Se sei!” (cf. SOTO [2001] 2007:159.)

(02) **José Marcelino a Rui Barbosa**: Caro colega e amigo Rui Barbosa. [...] Conhece **V.** a rica e vasta região dos Lençóis e os interesses de ordem pública, a que a administração tem de atender, ali, onde são frequentes as perturbações. [...] Conhece **V.** melhor que eu a questão da propriedade dos terrenos de marinha e das minas [...] e perante o Congresso e o Governo Federal a Bahia entrega-se a **V.** e a todos os seus representantes, dos quais deve **V.** ser o centro de ação por todos os títulos. (José Marcelino, 27.06.1904 *apud* MENON, 2006:153.)

(03) **Rui Barbosa a José Marcelino**: Felizmente recebi do Severino, ontem, um telegrama, onde me diz: ‘Louvo-me no seu pensar e sentir; sou solidário seu modo de agir’; e **V.** mesmo termina o seu com estas palavras: ‘Resolva o que seu espírito esclarecido, criterioso e experimentado lhe ditar... (Rui Barbosa, 12.10.1906 *apud* MENON, 2006:153.)

(04) **Você** tem recebido 20 volumes que o Mordomo mandou? Escrevi uma carta de 4 paginas e **você** diz que não recebeu, não gostei nada d’isso. (...) Pela semana Santa **você** poderia vir nos visitar; e trazer ao menos o Helvecio Sim? Tenho muitas saudades delle e da Eunice. Faço ideia como estarão engraçadinhos. (Carta de Maria Guilhermina Penna a Affonso Penna Júnior em 01/03/1909 *apud* PEREIRA, 2012:108.)

(05) A 12 escrevi a Christiano e hoje a **voce**. Estimei muito as boas noticias que tive que **voce** está muito estudiozo e que está muito adiantado. Continue para nos dar muito gosto e a sua Mae aquem **abracaarás** por mim. Aqui é uma monotonia, que so seouve abulha do Rio, que fas um atordoamento, que é pior do que o silencio. Teabraça e a Christiano Sua Avo e Amiga. Barbara. (Carta de Barbara Ottoni ao neto Mizael, em fins do século XIX *apud* LOPES; MACHADO, 2005:53. Carta 41, avó.)

A complexidade dos usos tratamentais, como se sabe, não se limita ao valor semântico-social que uma determinada forma de tratamento carrega em si, mas aos valores que os falantes podem atribuir a elas, nas diferentes situações comunicativas que, por si só, são também complexas. Ao mesmo tempo em que o *você* é utilizado pela elite, em cartas do então imperador D. Pedro II, aparece, no mesmo século, generalizado no uso doméstico nas cartas da vovó Bárbara Ottoni (cf. Lopes e Machado, 2005). O que alguns trabalhos sobre o tema (Lopes e Duarte, 2003; Rumeu, 2004; Barcia, 2006; Machado, 2006; Marcotulio, 2008) têm mostrado é que, a partir do século XVIII, a forma vulgar *você* torna-se produtiva nas relações assimétricas descendentes de *superior para inferior*, podendo até assumir, em algumas situações sócio-pragmáticas, “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte desenvolvida *vossa mercê*. Por outro lado, no Brasil do século XIX, a concorrência passa a ser maior entre *tu* e *você* em relações solidárias mais íntimas, não sendo tal estratégia negativamente marcada. Essa aparente contradição advém da própria origem e do processo de mudança categorial de *vossa mercê* > *você*, na medida em que se tornou gradativamente divergente do tratamento-fonte (*vossa mercê*) e passou a concorrer com o solidário e íntimo *tu*

nos mesmos contextos funcionais. Do “tratamento nominal abstrato”<sup>3</sup> *vossa mercê*, nos termos de Koch (2008:59), a forma *você* herdou o caráter indireto, por isso seria menos invasivo, menos “ameaçante ao interlocutor” e, dessa forma, funcionou como a estratégia preferida pelas mulheres na sociedade brasileira do século XIX, cf. Soto (2001), Lopes e Machado (2005); Rumeu (2008), Pereira (2012), em virtude de ter passado por esse “processo de abstratização do sema de cortesia”, cf. discutido por Lopes (2010:291).

Partindo do pressuposto de que o *você* é uma forma que surgiu posteriormente ao *tu* e que com ele compete no PB, propõem-se as seguintes questões:

(1<sup>a</sup>) Quais propriedades primitivas (traços nominais) foram perdidas no processo de pronominalização de *vossa mercê* > *você* no PB?

(2<sup>a</sup>) Quais propriedades mais gramaticais (traços pronominais) foram assumidas por *você*, ao se gramaticalizar?

(3<sup>a</sup>) O gênero (*sexo*) dos missivistas poderia ser considerado um fator propulsor da inserção do *você* tanto na produção escrita de cariocas, quanto na produção escrita de mineiros nas eras oitocentista e novecentista do PB?

Considerando os resultados de outros estudos sobre o tema na tentativa de depreender *como*, *quem* e *quando* o *você* suplanta o *Tu* no PB, postula-se que, em fins do século XIX, e, no século XX, mesmo que o *você* se apresente em variação com o *tu*, ainda conserva uma relativa formalidade, resguardada da sua origem nominal. Em outras palavras, entende-se que ainda que o *você* viesse sendo empregado, desde o século XIX, como forma de tratamento da elite brasileira, representada pelo imperador *Dr. Pedro II* e a *condessa de Barral*, cf. Soto ([2001] 2007) e pela esposa do Presidente da República Brasileira<sup>4</sup>, Maria Guilhermina Penna, cf. Pereira (2012), já se mostrava generalizado no uso doméstico dos Ottoni, cf. Lopes; Machado (2005). Acrescente-se o fato de ser a mulher da família Ottoni (*Bárbara Ottoni*) a responsável pelo emprego de tal inovação linguística na intimidade da relação entre avó-netos (crianças) e mãe-filha. Partindo dessas considerações histórico-descritivas, busca-se, neste estudo, examinar a hipótese, já testada em outros *corpora*, cf. Lopes e Marcotulio (2011), de que o *Você* empregado, nas eras oitocentista e novecentista do PB, ao se pronominalizar, não se despe/desvincula automaticamente de todos os seus traços nominais (*vossa mercê*), assim como não assume inevitavelmente todos os traços pronominais da categoria destino (o pronome *você* em alternância com o pronome *tu*, conforme descrito por Scherre *et alii*, 2009). Propõe-se, à luz dos princípios de gramaticalização, teorizados por Hopper (1991), que seja possível entrever, na produção escrita de cariocas e de mineiros, em sincronias passadas, vestígios da instauração desse processo de mudança categorial no PB, não só a partir do resgate de traços da indiretividade do *você* (permanência de um traço peculiar à FNT *Vossa Mercê*), mas também a partir da produtividade do *você* nos mesmos domínios funcionais do *tu*, atuando como uma forma pronominal de referência ao sujeito de segunda pessoa do discurso (aquisição de uma propriedade pronominal).

---

<sup>3</sup>“O tratamento abstrato se compõe de um adjetivo possessivo (que se refere ao interlocutor) e de um substantivo abstrato (que indica uma qualidade ou uma posição social atribuída ao interlocutor).” (Koch, 2008:59-60.)

<sup>4</sup>Afonso Penna foi Presidente da República Brasileira, aos 59 anos, no alvorecer do século XX, mais especificamente em 1906.

## 2. Os Corpora

A fim de subsidiar análises linguísticas elucidativas em relação à realização objetiva da norma culta escrita do PB que, segundo Pagotto (1999), foi habilmente fixada “à imagem e semelhança” do PE e amparada pela força do discurso científico, no Brasil do século XIX, entende-se que se faça necessária a edição de *corpora* representativos dessa modalidade linguística em *terras d'aquém mar*. A análise linguística proposta neste trabalho se dá com base em textos produzidos, no contexto sócio-histórico do século XIX e da primeira metade do século XX, por informantes seguramente identificados em relação a sua origem brasileira e ao seu nível de escolaridade (*culto*).

Chaves (2006), ao estudar a pronominalização de *Você* no PB, o fez com base na edição de cartas pessoais (cerca de 128 cartas) do Fundo Barão de Carmargos. Em relação às cartas mineiras, a autora esclarece ter conseguido resgatar a ficha biográfica da maior parte dos missivistas, o que, segundo ela, legitima o estudo linguístico sobre bases legitimamente brasileiras. Para este texto, serão “trazidos à tona” somente os resultados relacionados à produtividade das formas *Vossa Mercê* e *Você* no período de 1800 a 1950 na escrita mineira, por conta, obviamente, do escopo da análise linguística: a mudança categorial *Vossa Mercê* > *Você* no PB.

As trinta missivas cariocas que também subsidiam este trabalho foram trocadas entre os membros da família Pedreira Ferraz-Magalhães. Trata-se de missivas que expõem a intimidade de brasileiros letrados, em intercâmbios comunicativos de informalidade, caracterizados pela aproximação afetiva entre o remetente e o destinatário. Tendo em vista o caráter pessoal das correspondências, aspectos rotineiros da vida cotidiana brasileira, de fins do século XIX e no alvorecer do século XX (1877 e 1948), permite que se interprete tal material como *sui generis* para o reconhecimento da história da vida privada de uma família brasileira nascida no Rio de Janeiro que circulou da capital carioca para o interior e por outros espaços sócio-geográficos dentro e fora do Brasil.

Acredita-se, em diálogo com Barbosa (1999), que os textos de circulação privada, tais como as cartas mineiras e cariocas editadas por Chaves (2006) e por Rumeu (2008), respectivamente, apresentem-se como mais transparentes, mais livres da pressão prescritivista da norma padrão, explicitando uma produção escrita menos “cuidada” à luz da *norma subjetiva*<sup>5</sup>, cf. Cunha (1985:52).

## 3. O tratamento de 2ª pessoa nas eras oitocentista e novecentista do português brasileiro: alguns reflexos da gramaticalização de *Vossa Mercê* > *Você* à luz dos princípios teóricos funcionalistas pensados por Hopper (1991).

Antonie Meillet (*apud* Hopper 1991:17) entende a gramaticalização como “a atribuição de uma característica gramatical a um vocábulo previamente autônomo”. A concepção de Hopper acerca de gramaticalização se aproxima da de Lehmann (1982:305-306), visto que este entende que “o movimento de gramaticalização é gradual e simultâneo através dos

---

<sup>5</sup>Segundo Celso Cunha (1985:52), “(...) a palavra norma costuma ser empregada em dois sentidos bem distintos: um, correspondente a uma situação objetiva e estatística, fruto da observação; outro, relacionado com uma atitude subjetiva, envolvendo um sistema de valores.”

*estágios de uma escala, sem trocar sua ordem na escala.*” Tendo em vista esse conceito de gramaticalização, Hopper (1991) se propõe a evidenciar indícios do processo gradual e paulatino de gramaticalização a partir do estabelecimento de cinco princípios. Consoante a sua proposta, os princípios que permitem evidenciar os estágios do processo de gramaticalização são os seguintes: **layering (estratificação), divergência, especialização, persistência e decategorização**. A aplicação dos critérios de gramaticalização pensados por Hopper (1991) ao processo de pronominalização de *você* no PB é justificado pelo fato de tais princípios tenderem a realçar o gradualismo da mudança categorial, dialogando com a hipótese principal lançada nesta reflexão.

A definição de *layering* aplica-se à emergência de novas camadas em um domínio funcional amplo. Em processos de gramaticalização, o *velho* e o *novo* convivem em um mesmo domínio funcional – *layering* (estratificação). As camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as recentes. A convivência simultânea das formas variantes como camadas não sugere a imediata eliminação das antigas no uso linguístico, em virtude do surgimento de novas camadas, mas evidencia a coexistência de formas linguísticas alternantes a atuarem num mesmo campo funcional. De (06) a (10), observa-se a convivência das formas mais antigas *vós, vossa mercê e tu (e variantes te, de ti)* com a mais recente forma de referência à 2ª pessoa do discurso *você* no mesmo domínio funcional.

(06) Meu Senhor recebi asua desejo oque nella me diz **vossamerce** tem touda razam è verdade que tem demorado muito oseu dinheiro aoutra conta eu não fui entrega mais **vossamerce** tenha paciência que breve hade ser pago (...) algum breve hei de **ti** satisfazer. (Carta de João Gonçalves. (mineiro) Capanema, 19.01.1840.)

(07) Queria mandar-**te** um jornalzinho daqui de Ponte Nova para **você** apreciar, mas emprestei-o a um rapaz e elle ainda não mandou-me (...) (Carta de Carta de Agenor de Sousa. (mineiro) Ponte Nova, 20.09.1904.)

(08) (...) Peço-**vós vossa** benção e visite á todo de nossa casa. [**espaço**] Tenho sido muito incorrecto para com **Voce**, reconheço isto, e, ao mesmo tempo peço-**vós** perdoar-me por esta falta involluntaria; involluntaria sim, porque não tenho tempo sufficiente para escrever as pessoas que me são caras (...) (Carta de Agenor de Sousa. (mineiro) Sabará, 10.07.1907.)

(09) (...) Acho muito bom que **leves** os óssos de Papae para Petropolis, mas si assim fizeres, então não **deixes** lá a Imagem de Nossa Senhora, sim? [**espaço**] Eu queria que m'a **desseis** para fazermos aqui uma Gruta e assim vél-a venerada sempre. (Carta de Maria Elisa (carioca) ao irmão Jerônimo. Pouso Alegre, 29.06.1922.)

Em (06) e (07), respectivamente, observa-se a coexistência da forma antiga *vossa mercê* e da forma nova *você* com legítimas formas de P2 (*tu*), consubstanciadas nos complementos dativos *te* e *ti*<sup>6</sup>, respectivamente, nas cartas mineiras oitocentistas (1840) e novecentistas (1904). Já em (08) e (09), verifica-se a convivência das formas pronominais *vós, você e tu*. O pronome de referência à 2ª pessoa do discurso *vós* – já considerado um traço arcaizante da língua no século XVIII, segundo Cintra (1972) – convive com o produto final do processo de gramaticalização – *você* – em cartas cariocas e mineiras novecentistas (1907 e 1922). Observa-se que a nova camada de referência à 2ª pessoa do discurso – *você* – compartilha o mesmo espaço funcional com as antigas e legítimas formas pronominais de referência ao sujeito de 2ª pessoa do discurso: *tu* e *vós*.

---

<sup>6</sup>A produtividade do clítico *te* como complementos acusativo e dativo, em textos oitocentistas e novecentistas, evidencia, cf. Lopes e Cavalcante (2011), a sua retenção como um contexto de resistência do pronome *tu* no PB.



O conceito de *divergência* diz respeito à permanência da forma original como elemento autônomo ao lado da forma gramaticalizada. Em processos de gramaticalização, é possível que a forma fonte compartilhe como item lexical autônomo o mesmo campo funcional que o item já gramaticalizado. Em relação ao processo de pronominalização de *você*, é possível observar, em (10) e (11), a divergência entre a forma origem (*mercê* e *vossa mercê*) e a forma resultante do processo de mudança categorial (*você*) nas missivas mineiras e cariocas.

(10) [espaço] Apesar de Vossamerce ter em seu poder Procuraçam competente me passada novamente lhe envio uma escripta e passada pelo Escrivam deste Distrito e em com sequencia, espero que Vossamerce effectuará onegocio das Cazas, dando ao 10 Seu producto o seguinte destino: 50H000 reis me fará merce entregar ao Senhor João Baptista (seu cunhado) e 50H000 reis mandará entregar ao Senhor Luis Moret Sosson cobrando de ambos a Competencia reza, e finalmente 200H000 reis applicará a nossa Conta (...) (Carta de Francisco d'Assis. (mineiro) Arrepiados, 12.04.1837.)

(11) (...) O livro, mercê de Deus, agradou a todos. (...) Agora falemos de outros assumptos. (...) Nossas tias Leonor e Maria Thereza estão muito melhor de saude, gostei de vel-as mais fortes: são affectuosissimas para connosco e falam de você e Bebê com infindas saudades. Leonorsinha está na casa Eiras; estive com ella uns momentos. O primo Bento está bem doente do coração e, como sabes, vive mal, pedi-lhe muito que reze e se confesse. (Carta de Jerônimo Pedreira de Castro Abreu Magalhães (carioca). Minas Gerais, 1923.)

Em (10) e (11), observa-se, respectivamente, o item lexical *mercê* a conviver como um item lexical autônomo com a forma nominal de tratamento *vossa mercê* e com a forma pronominal de referência à 2ª pessoa do discurso – *você*, no século XX. A convivência da forma nominal de tratamento *vossa mercê* com o item lexical *mercê*, no séc. XIX, pode ser interpretado como indício de um estágio mais atenuado do processo de gramaticalização (*gramaticalização fraca*), conforme discutido por Lehmann (1982), visto que tal forma se expressou, em termos morfológicos, em sua forma polissilábica, na missiva mineira da 1ª metade do século XIX. Apesar de, em termos semânticos, já não mais ressaltar especificamente a *benevolência* do rei, ainda resguarda um tratamento de polidez para com o sujeito de 2ª pessoa do discurso. A *gramaticalização forte* discutida por Lehmann pode ser evidenciada em (11), visto que a combinação morfológica da 1ª sílaba do pronome cerimonioso *vossa* com a 2ª sílaba do substantivo *mercê*, originou a forma pronominal – *você*. Na expressão falada do PB contemporâneo, tem-se a referência à 2ª pessoa do discurso a partir das formas *ocê* e *cê* como evidências de um estágio do processo de *gramaticalização forte* no qual o pronome *você*, já desgastado fonológica e morfológicamente, tornou-se monosssegmental (*cê*), assumindo o estatuto de uma forma cliticizada num estágio mais avançado do processo de gramaticalização no PB, conforme discutido por Vitral e Ramos (2006).

Com relação ao princípio da *especialização* admite-se a sua aplicação, quando, em vias de gramaticalização, uma forma se torna obrigatória em alguns contextos, sofrendo restrições sintagmáticas impostas pelo próprio processo de mudança categorial. A hipótese em análise é a de que à medida que *vossa mercê* se pronominaliza, passa a assumir a função sintática de *sujeito*, comportamento típico dos legítimos pronomes pessoais do PB, conforme constatado por Omena e Braga (1996:80) em relação à pronominalização do *a gente*, por Lopes e Duarte (2003), em peças de teatro oitocentistas, por Lopes e Marcotulio (2011), Rumeu (2008), Rumeu (2004), que, com base em missivas setecentistas, oitocentistas e novecentistas, discutiram a pronominalização de *você* em português. Passa-se ao exame da produtividade

geral das formas *tu*, *vossa mercê* e *você*, com base na análise dos gráficos 01 e 02, a fim de embasar a discussão acerca da especialização do *você* na função de sujeito pronominal.

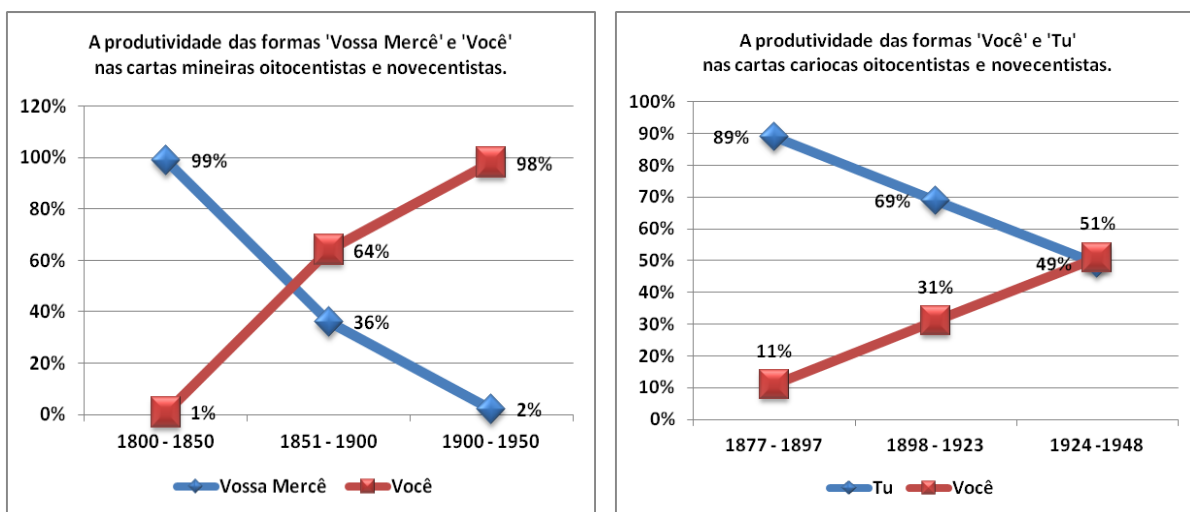


Gráfico 1: As formas *Vossa Mercê* e *Você* nas cartas mineiras, cf. Chaves (2006:48). Gráfico 2: As formas *Você* e *Tu* na cartas cariocas, cf. Rumeu (2008).

A produtividade das formas *vossa mercê* e *você* é trazida à tona por estarem diretamente estarem envolvidas na dinâmica da mudança categorial em questão. Nas cartas mineiras, observa-se a curva ascendente do inovador *você* no decorrer do século XIX e na 1ª metade do século XX, com índices percentuais de 01%, 64% e 98%, *pari passu* o *vossa mercê* num curva descendente, assume os índices percentuais de 99%, 36% e 02%, respectivamente. Nas cartas cariocas, em fins do século XIX, não houve evidências de *vossa mercê*, mas levantaram-se dados da contraparte gramaticalizada *você* em franca concorrência com o legítimo pronome de referência à segunda pessoa do discurso *tu*, com índices percentuais de 51% e 49%, respectivamente. Com base na análise dos gráficos 1 e 2, observam-se dois fatos interessantes: (1º) vislumbram-se, na era novecentista do PB, os subsistemas pronominais que prevalecem no PB falado atualmente, cf. discutido por Scherre *et alii* (2009), quais sejam: o *Subsistema I*, caracterizado pelo predomínio do *Você* (e variações *ocê*, *cê*) em Minas Gerais e o *Subsistema III*, marcado pelo uso variável das formas *você~tu* no Rio de Janeiro; (2º) evidencia-se a produtividade relativamente alta de *você* tanto nas cartas mineiras, quanto nas cartas cariocas, o que sugere a especialização da forma pronominal, avançando no processo de mudança categorial em discussão.

Com base na análise do gráfico 3, passa-se à discussão da produtividade do inovador *você* no exercício da função sintática de sujeito na produção escrita de cariocas e mineiros nas eras oitocentista e novecentista do PB.



Gráfico 3: Distribuição da forma *Você* na função sintática de Sujeito em cartas cariocas e mineiras dos séculos XIX e XX.

A distribuição do *você* na função sintática de sujeito na produção escrita de mineiros (70%) e de cariocas (33%), no decorrer dos séculos XIX e XX, permite evidenciar o *você* como sujeito pronominal se especializando no exercício de uma função sintática peculiar aos legítimos pronomes pessoais do caso reto em língua portuguesa. Ainda que, na produção escrita dos cariocas, Rumeu (2008) tenha vislumbrado a maior produtividade do *você* como complemento verbal do tipo objeto indireto, em 44% dos dados, há de se destacar a produtividade da forma em vias de gramaticalização (*você*), no exercício de diferentes funções sintáticas tais como adjunto adnominal, complemento circunstancial, adjunto adverbial, complemento nominal e complemento relativo a perfazerem o índice percentual total de 23% dos dados. Na produção escrita dos mineiros, Chaves (2006:45) constata que os maiores índices percentuais recaíram sobre o *você* e o *vossa mercê* na função sintática de sujeito, em 70% e 30% dos dados, respectivamente. É possível observar, de (12) a (15), com os dados das missivas cariocas e mineiras a especialização da forma *você* no desempenho de uma função típica dos pronomes pessoais do caso reto: o papel sintático de sujeito gramatical.

(12) (...) **vo**<sup>ce</sup> He nosa parenta eu não hede ir para Caza estranha (...) (Carta de Felisberta Constancia da Silva. (mineira). 1848.)

(13) (...) Todas as noticias que tenho dahi são concordes enquanto acasa que **voce** mora amiassa proxima ruinha easim ade ser porque essa casa é muito velha (...) (Carta de Anna Rodozinda. (mineira). 20.05. 1855.)

(14) Agradeço muito a tua cartinha e tambem a vovó tua madrinha ficou muito contente. [espaço] Ella vae responder, e diz que cada vez gosta mais de ti, e tambem dos outros bis nettinhos. Nós temos passado, assim, assim. [espaço] Desejo que esta te ache já melhor, com o uso do mercurio. [espaço] Foi bom, **Você** voltar para Santa Fé, por que aqui teem adoecido muitas crianças, até a Maria da Glória está de cama. (Carta de João Pedreira do Couto Ferraz (carioca), com 60 anos, a sua neta, Maria Leonor, com 06 anos. RJ, 15.04.1886.)

(15) (...) E **você**, *minha* filha de meu coração como tem passado? [espaço] estás sempre alegre? conservas aquelle genio animado, meigo e carinhoso, com que tua mãe tanto se encantava? [espaço] És cada vez mais feliz pelo grande sacrificio *que* fizeste, em deixar tua familia por amor do Esposo Divino? Ah! minha tão amada filha, que riquissima corôa Elle te está preparando? [espaço] E como está o excellent Sacerdote teu Director? Com o maior fervor rezo por elle. [espaço] [espaço] Não tens tido alteração em tua saude? estás gorda ou magra? quanto

pezas? [espaço] Si ø tiver balança ahi peza, e manda-me dizer, sim? (...) (Carta de Zélia (carioca), com 57 anos, a sua filha. RJ, 27.11.1914.)

Com base no princípio da *persistência* pressupõe-se a conservação, na forma gramaticalizada, de um traço semântico da forma-fonte, licenciando restrições sintáticas ao uso da forma gramaticalizada. No caso da pronominalização de *Vossa Mercê* > *Você*, detectam-se *persistências formais e semânticas*. Em relação à *persistência formal*, Lopes e Rumeu (2007) constataram que o *Você* apresenta-se como um pronome “camaleônico” no que se refere ao atributo de *pessoa*, pois não assume um valor específico para a especificação formal do traço pessoa [φ], comportamento típico das formas mais nominais (*vossa mercê* e *mercê*), ainda que semanticamente seja [-EU], assemelhando-se, pois, ao legítimo pronome do caso reto *tu*. O fato de *você* se constituir como uma forma pronominal de 2ª pessoa (P2) que concorda formalmente com formas verbais de terceira pessoa (P3), como se observa de (15) a (18), também se mostra como um traço formal persistente da sua origem nominal (*vossa mercê*). Com relação à *persistência semântica*, observa-se que a forma gramaticalizada *você* conserva o caráter indireto peculiar à FNT *vossa mercê* cujo grau de indiretividade é maior que o do íntimo *tu*, cf. Koch (2008).

(15) Muito estimarei que **vo**<sup>ce</sup> esteja boa que he o meu dezejo [espaço] Prima Sabina vou poresta pedir um favor **avo**<sup>ce</sup> como eu estou com vontade de hir assistir aSemana Santa la espero **avo**<sup>ce</sup> para me dar um quarto na **sua** Caza para mais eu levarei todo percizo de comida (...) (Carta de Felisberta Constancia da Silva (mineira). 1848.)

(16) **Você** **va** pedindo a mamãe que **lhe** ensine a ler e escrever... (Carta de João Pedreira do Couto Ferraz a sua neta Maria Leonor (carioca). Corte, RJ, 15.04.1886.)

(17) **Sua** carta veio encher minh'alma de alegria, de saber que **você** está bem, feliz e contente, e também saber notícias de nossa Mãe querida, que gosa davida intima com Deus nosso Senhor! (Carta de Maria Rosa ao irmão Fernando (carioca). Montevidéu, 04.03.1919.)

(18) (...) ja tenho sofrido bastante, vae estas pessa que eu deixei para **você** ter uma recordação de minha boua e inesquecível Cici **voce** parte com Bilica, não precisa ter receio pois na saúde ela pouco usou e na doença nada. Sinha **você** continua com Bilica e não deixa Lidoripho amarrar negocio da casa não (...) (Carta de Francisco Xavier Ramos (mineiro). Belo Horizonte, 20.10.1950.)

No que diz respeito ao princípio da *deategorização* prevê-se que as formas, em processo de gramaticalização, tendem a evidenciar traços sintáticos da categoria produto (+ *pronome*) e a perder ou neutralizar traços da categoria origem (- *nome*). Como expressão de processo de mudança, entende-se que a pronominalização de nominais seguiu um curso de mudanças no qual traços nominais da categoria-origem (*vossa mercê*) são mantidos, ou seja, persistem (por exemplo, a concordância da forma pronominal *você* com formas verbais de 3ª pessoa e a manutenção do caráter indireto) *pari passu* são assumidos traços pronominais por parte da categoria-fim: o pronome de 2ª pessoa *você*. De (19) a (21), apresentam-se, nas missivas cariocas, evidências da convivência de formas de P2 (*tu*) com a forma gramaticalizada *você*.

(19) Como **tens Você**, a **tua** Mãe e Marido e Pae eirmãos passado? (Carta de João Pedreira do Couto Ferraz (carioca) a sua filha Zélia. RJ, 07.02.1877.)

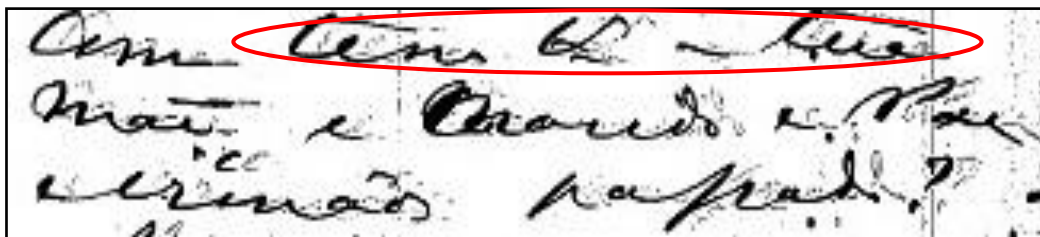


Imagem 01: Trecho do fac-símile da carta de João Pedreira do Couto Ferraz a sua filha Zélia. RJ, 07.02.1877. Circulado nosso.

Ainda que o inovador *você* se apresente combinado, na maior parte dos dados, com a terceira pessoa formal, já se deixa evidenciar cercado por formas de P2 (*tu, tua*), como se verifica em (19) e na imagem 01.

(20) Escrevo á mui querida M.<sup>elle</sup> Aschmann agradecendo tudo que fez por você. Escreve-me bellissimos postaes de Lisieux et Paris. Como tem sido nossa amiga esta bella alma! ~~Sêja~~ bem grato a este dom, que o Céu nos deu. (Carta de Jerônimo Pedreira de Castro Abreu Magalhães (carioca) ao irmão Fernando. Vila Antonio Dias, MG, 21.09.1925.)

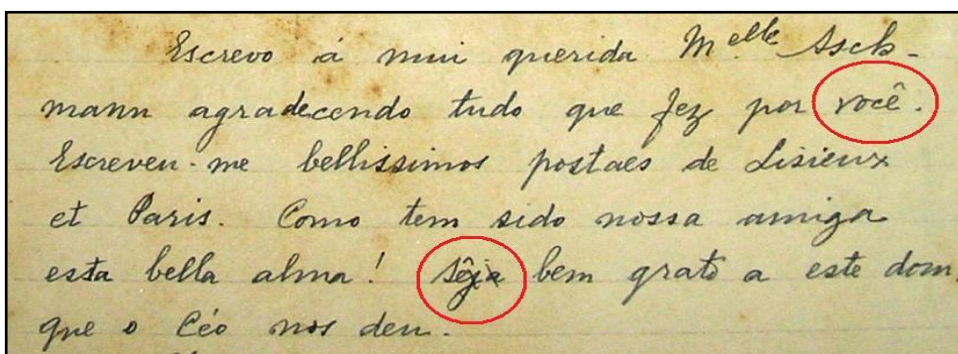


Imagem 02: Trecho do fac-símile da carta de Jerônimo Pedreira de Castro Abreu Magalhães ao irmão Fernando. Vila Antonio Dias, MG, 21.09.1925. Circulado nosso.

Em (20), tem-se um interessante dado de autocorreção do autor, conforme se observa no trecho da carta exposta na imagem 02. O missivista, ao escrever ao seu irmão Fernando, emprega uma forma verbal imperativa de P2 (*tu*) precedida por *você* – (...) *agradecendo tudo que fez por você*. (...) ~~*Sêja*~~ *bem grato* (...)”. Note-se a dúvida que leva o informante a rasurar a carta, ao titubear entre as formas verbais imperativas de P3 (*você*) “*Seja bem grato* (...)” e de P2 (*Tu*) “*Sê bem grato* (...)”, optando pela forma de segunda pessoa *tu*, o que constitui uma evidência do processo de integração da forma *você* ao sistema pronominal do PB<sup>7</sup>.

7 Em diálogo com as considerações finais tecidas por Lopes e Cavalcante (2011:61) acerca da cronologia da inserção do *você* e da retenção do clítico *te* no PB, entende-se que o “(...) *você*”, apesar de não apresentar traços formais, apresenta os traços semânticos de segunda pessoa; os mesmos traços semânticos que *te* apresenta. Por

(21) (...) Meu consolo é resar por ella, e chorar. Espero que me **escrevas** contando tudo que lhe diz respeito, pôde fazer os Votos. Que doença foi? Já te **imaginarás** todo meu soffrimento! Agora **seja tu** o laso de união entre todos, porem com prudencia, sobretudo com ás Dorotheás. (Carta de Maria Rosa, com 41 anos, ao irmão Pe. Jerônimo, com 38 anos. Montevidéu, 11.09.1919.)

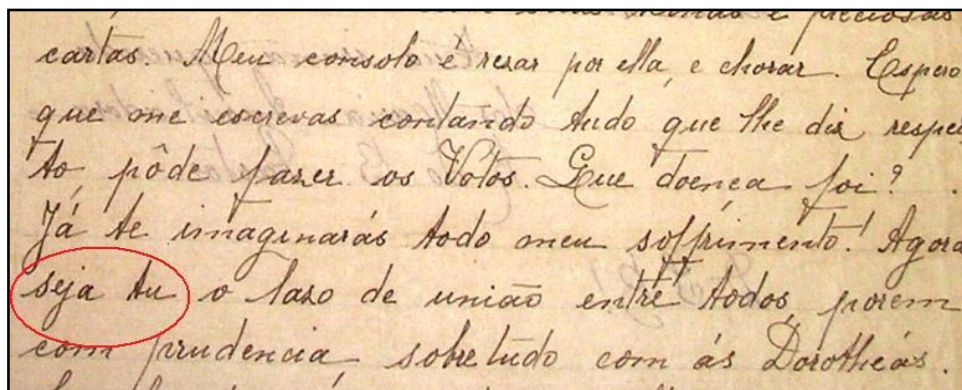


Imagem 03: Trecho do fac-símile da carta de Maria Rosa Pedreira de Castro Abreu Magalhães ao irmão Pe. Jerônimo. Montevidéu, 11.09.1919. Circulado nosso.

Atente-se para o fato de que, em (21), a autora, ao invitar o irmão a constituir-se como o *laço de união* entre os demais irmãos, o faz através da combinação de uma forma de (P2) – *tu* pleno – com uma forma verbal imperativa de terceira pessoa – *seja*: “*seja tu*” no lugar de “*sê tu*” ou de “*seja você*”, como é possível visualizar na imagem 03.

Diante da aplicação dos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991) ao processo de pronominalização de *vossa mercê* > *você* no PB, observa-se a manutenção de traços originários da FNT (o caráter indireto, a concordância formal com a 3ª pessoa) e a aquisição de traços pronominais da forma *você* (o exercício da função sintática de sujeito), o que sugere que o *você* se *decatégorizou*, conforme teorizou Hopper.

#### 4. Reflexos da pronominalização de *Vossa Mercê* > *Você* em relação ao gênero (*sexo*) dos missivistas das cartas cariocas e mineiras.

Outra questão interessante é a compreensão da influência do fator *gênero* na mudança categorial em questão (*vossa mercê* > *você*) nas eras oitocentista e novecentista do PB. Com base na interpretação dos resultados expressos nos gráficos 4 e 5 busca-se direcionar a discussão para o *gênero* como uma categoria social relevante em processos de variação e mudança do PB.

---

isso, uma combinação *você* (sujeito) com *te* (complemento) não pode ser analisada como mistura de tratamento, pois estamos lidando com os mesmos traços semânticos.”

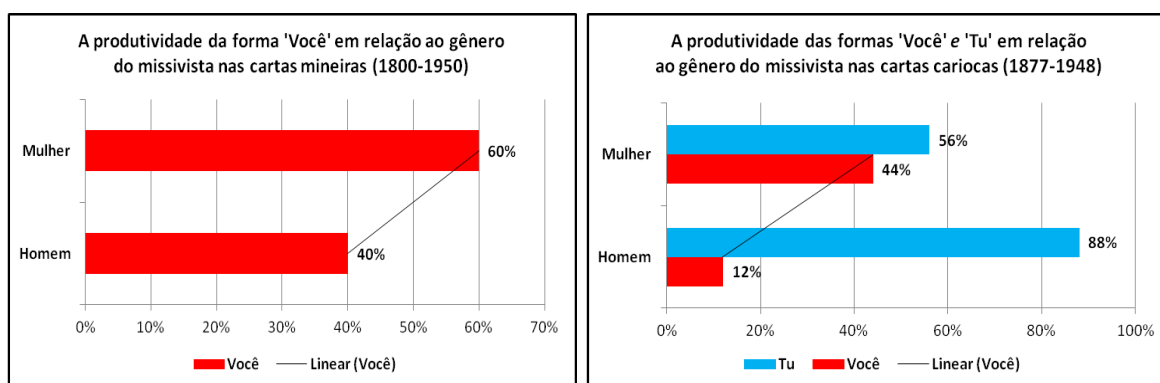


Gráfico 4: A forma *Você* na escrita de homens e mulheres mineiros, cf. Chaves (2006:48). Gráfico 5: As formas *Você* e *Tu* na escrita de homens e mulheres cariocas, cf. Rumeu (2008).

Ainda que os dados que embasam os resultados expressos através dos gráficos 4 e 5 não estejam equilibrados em relação ao recorte temporal, visto que, para a escrita mineira, Chaves (2006) percorre todo o século XIX e a 1ª metade do século XX e, para a escrita carioca, Rumeu (2008) só tenha alcançado fins do século XIX e a 1ª metade do século XX, há de se comentar o comportamento das mulheres brasileiras no que se refere à inserção do *você* no quadro pronominal do PB.

Resguardadas as distinções relacionadas aos sistemas tratamentais preferidos nas cidades analisadas e que já se deixavam evidenciar em sincronias passadas do PB (em Minas Gerais, prevalece o Sistema I (*você*), ao passo que, no Rio de Janeiro, prevalece o Sistema III (*você ~ tu*) em consonância com a sincronia atual do PB falado, cf. discutido por Scherre *et alii* (2009)), observa-se que tanto nas cartas mineiras (em 60% dos dados), quanto nas cartas cariocas (em 44% dos dados), as mulheres preferiram a forma *você*, reiterando, pois, as considerações de Soto [(2001) 2007], Lopes e Machado (2005), Chaves (2006), Marcotulio *et alii* (2007), Rumeu (2008), Lopes (2010), Pereira (2012) acerca do papel da mulher em fenômenos linguísticos de variação e mudança. Assume-se que o empreendedorismo linguístico das mulheres está no fato de selecionarem uma forma que se inseriu *a posteriori* no quadro pronominal do PB como resultado de um processo gradual e paulatino de uma *mudança linguística de cima para baixo* (*change from above*, cf. Labov, 1994). Nesse sentido, dialoga-se com Scherre e Yacovenco (2011:139) que admitem “as mulheres estarem à frente” em processos de mudança com consciência social (*change from above*), relacionados a fenômenos linguísticos menos marcados socialmente, como é o caso do contexto de inserção do *você* no sistema pronominal do PB.

Com relação ao encaixamento dessa mudança linguística na matriz social (*embedding problem*), interpreta-se que a opção das mulheres pelo *você* menos direto e invasivo que o *tu* pronominal, é condizente “com uma conduta específica”, nos termos de Chambers e Trudgill (1980 *apud* Fernández, 1998), voltada para o recato da subordinação a uma estrutura familiar patriarcal mais acentuada até o século XIX, conforme Samara (2004). Ainda que consciente da implicação social do tratamento do seu interlocutor por *Você*, a mulher-missivista (tanto a mineira, quanto a carioca), nas eras oitocentista e novecentista do PB, prefere um pronome que está se inserindo no quadro pronominal, dotado ainda de uma relativa formalidade, o que permite confirmar a hipótese Laboviana de que a mulher tende a se encaminhar na direção histórica da mudança linguística.

## Considerações finais

A adoção de pressupostos funcionalistas pensados por Hopper (1991) permitiu detectar perdas e ganhos em relação à mudança categorial da FNT *vossa mercê* a originar a forma pronominal *você*, realçando o gradualismo da mudança categorial. Na produção escrita de cariocas e de mineiros, nos séculos XIX e XX, o *você* confirmou-se “camaleônico”, nos termos de Rumeu (2004), visto que conservou a indiretividade que era peculiar a sua origem nominal (*vossa mercê*) e assumiu maior produtividade na função de *sujeito* em variação com o *tu* (*você* ~ *tu*), especificamente, na escrita carioca, já anunciando a instauração do *Sistema III* que é o vigente na fala carioca contemporânea, conforme discutido por Scherre *et alii* (2009).

A aplicação dos princípios funcionalistas à pronominalização de *você* confirmou o caráter gradual e paulatino dessa mudança categorial que aliada ao desuso do pronome *vós* e à pronominalização da forma *a gente* conduziram à reorganização do quadro pronominal e à consequente mudança de marcação do parâmetro do sujeito no PB (nulo > pleno), conforme discutido por Duarte (1995).

A opção da Condessa de Barral, de Maria Guilhermina Penna e de Bárbara Ottoni pelo *você* permite interpretar o gênero (sexo) do missivista como uma categoria social propulsora da inserção do *você* no sistema pronominal do PB. A divergência de comportamentos entre homens e mulheres cariocas e mineiros consubstanciada na opção dos homens pelo *tu* e na preferência das mulheres pelo *você* pode sugerir que as mulheres tenham estimulado o processo de mudança encaixada nas matrizes social e linguística, *embedding problem*, cf. Weinreich *et alii* (1968).

Abstract: This paper has been written with the objective of discussing the grammaticalization of *vossa mercê* > *você*, based on written productions in Brazilian Portuguese by *cariocas* and *mineiros* in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries. In light of the functionalist assumptions of Hopper (1991), which gave rise to Labov’s methodological quantitative sociolinguistic analysis, the gradualist hypothesis of categorial change was confirmed. Its use in the linguistic and social foundations (*embedding problem*) of Brazilian Portuguese was verified in accordance with the general principles of implementation of linguistic change presented by Weinreich *et alii* (1968).

Keywords: Grammaticalization of *você*; Variation *tu/você*; Linguistic change; Pronoun system

## Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. *Marxism and the philosophy of language*. New York, Academic. 1973.

BARCIA, L. R. *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*. 2006. (Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.



BARBOSA, A. G. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In.: LOPES, C. R. S. *A Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 25-43.

\_\_\_\_\_. *Para uma História do Português Colonial: Aspectos Linguísticos em Cartas de Comércio*. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1999.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. SEBEEK, Thomas A. (eds.) *Style in Language*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, p. 253-449. 1960.

CHAVES, E. *Implementação do Pronome Você: a contribuição de pistas gráficas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte. 2006.

CINTRA, L. F. L. *Sobre “Formas de Tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18. 1972.

CUNHA, C. *A Questão da Norma Culta*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1985.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio ‘Evite pronome’ no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos Linguísticos. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1995.

FARACO, C. A. O tratamento Você em português: uma abordagem histórica. In.: *Fragmenta*. Curitiba: N° 13, Editora da UFPR, p. 51-82. 1996.

FERNÁNDEZ, F. M. *Princípios de sociolinguística y sociología del lenguaje*. Espanha: Editorial Ariel. 1998.

GUY, G; ZILLES, A. 2007. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, p. 17-35. 1991.

KOCH, P. Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEK, Johannes (ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert (Lingüística Iberoamericana 31), p. 53-88. 2008.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers. 1994. Vol. 1.

LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. In: *Língua e Stile* 20. 1982.

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. A CRONOLOGIA DO VOCEAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EXPANSÃO DE VOCÊ-SUJEITO E RETENÇÃO DO CLÍTICO-TE. In.: *Linguística*. Vol. 25, junho: 30-65. 2011.

LOPES, C. R. S. A PERSISTÊNCIA E A DECATORIZAÇÃO NOS PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO. VITRAL, L.; COELHO, S. (Orgs.) *Estudos de Processos de Gramaticalização: metodologias e aplicações*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, p. 275-314. 2010.

\_\_\_\_\_. Correlações histórico-sociais e lingüístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil - séculos XVIII e XIX. In: Guiomar Ciapuscio; Konstanze Jungbluth, Dorothee Kaiser; Célia Lopes. (Org.). *Sincronia y diacronia: de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. 1ª ed. Frankfurt: Vervuert/Bibliotheca Ibero-Americana, v. 107, p. 187-214. 2006.

\_\_\_\_\_. A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português. 1ª ed., Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, Volume 18. 2003.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In.: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.) *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-fólio. 2003. p. 61-73.

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In.: LOPES, C. R. S. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção. Fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ. p. 45-66. 2005.

LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento a Rui Barbosa. In: CALLOU, D.; BARBOSA, A. (Org.). *A norma brasileira em construção: Cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. p. 266-292. 2011.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In.: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; VASCONCELLOS, R. E.; CYRINO, S. *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, Volume I, 1ª edição, p. 419-436. 2007.

MACHADO, A. C. M. *A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

MARCOTULIO, L. L. *LÍNGUA E HISTÓRIA: O 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010.

\_\_\_\_\_. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do Marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. 2008. 215f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

MARCOTULIO, L. L.; SILVA, P. F.; LOPES, C. R. S. *A norma brasileira em construção: a variação entre tu e você no início do século XX*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da AILP. Rio de Janeiro. 2007.

MENON, O. P. S. A história de você. GUEDES, M.; BERLINCK, R. A.; MURAKAWA, C. A. A. *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial. 2006.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

OMENA, N. P.; BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In.: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, C. (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 75-83.

PAGOTTO, E. G. Norma e condescendência: ciência e pureza. In.: *Línguas e Instrumentos linguísticos*. Volume 2, São Paulo: Pontes, 1999. p. 49-68.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2003.

PEREIRA, R. O. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico*. 2012. 142f. (Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

RUMEU, M. C. B. AS RELAÇÕES DE PODER E DE SOLIDARIEDADE NA SOCIEDADE CARIOCA DOS SÉCULOS XVIII E XIX. In.: *Revista Todas as Letras R* (MACKENZIE. Online), v. 13, p. 115-126, 2011.

\_\_\_\_\_. *A implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um Estudo de Pannel*. 2008. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Volumes I e II. 2008.

\_\_\_\_\_. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Volumes I e II. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

SAMARA, E. M. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense. 2004.

SANTOS LUZ, M. *Fórmulas de tratamento no português arcaico*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1958.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PAPEL DOS FATORES SOCIAIS: O GÊNERO DO FALANTE EM FOCO. *Revista da ABRALIN*. V. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 2011.

SCHERRE, M. M. P. *et alii*. *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*. II SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa). Portugal: Universidade de Évora, 6 a 11 de outubro de 2009.

SOTO, E. U. M. S. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Ed. da UFF. 2007.

\_\_\_\_\_. *Variação/Mudança do Pronome de Tratamento Alocutivo: Uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. 2001. 264f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2001.

VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2006.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M.I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. University of Texas Press. 1968.

Data de envio: 27/04/2012

Data de aprovação: 21/11/2012

Data de publicação: 06/02/2013